

### POUSADA NA ILHA DE SILVES: A arte de construir na Amazônia

**MARCOS PAULO, CERETO. (1); LOPES DE A. MARTINS, BRUNA. (2)**

1. Faculdade de Tecnologia da Universidade Federal do Amazonas. Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
mcereto@hotmail.com
2. Faculdade de Tecnologia da Universidade Federal do Amazonas. Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Manaus-AM, Coroado III, Rua Imperatriz Guita.  
b.lopesandrade@gmail.com

#### RESUMO

O ensaio compõe um projeto de Iniciação Científica desenvolvido no curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Tecnologia da Universidade Federal do Amazonas, que aborda as questões entre a Arquitetura Moderna na Amazônia e o trabalho de Severiano Mário Porto. O arquiteto forma-se no Rio de Janeiro em 1954 e em 1965 vem para a Manaus a pedido do então governador do estado Artur Ferreira Reis, onde teve papel protagonista na arquitetura da Amazônia. A obra do arquiteto escolhida como objeto de estudo foi a Pousada da Ilha de Silves, por conta de sua relevância na trajetória de Severiano Porto. Projetado em 1979 com o arquiteto Mario Emílio Ribeiro, e com a colaboração de Luis Cesar Monken e Dulce Daou, o hotel é um exemplo onde a interação entre a tradição e a modernidade ficam mais evidentes, considerando a localização remota e imersa na floresta. Assim, busca-se reconhecer e valorizar a obra para promover elementos que incentivem a sua conservação. Através da análise historiográfica, do redesenho, da modelagem do projeto e das considerações sobre o construído pode-se disponibilizar aos estudantes, pesquisadores e comunidade em geral informações para a teoria, crítica e também para o ato de projetar em arquitetura.

**Palavras chave:** arquitetura moderna; severiano porto; amazônia.

## **Pousada na Ilha de Silves: A arte de construir na Amazônia**

### **História da obra**

Severiano Mário Porto, nascido em 1930, em Uberlândia, Minas Gerais, mudou-se para o Rio de Janeiro ainda durante a infância. Lá recebeu sua formação de arquiteto, na Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA), da Universidade do Brasil, em 1954. Viajou a turismo para Manaus em 1963 e, dois anos depois, foi convidado pelo então governador do Amazonas Artur Ferreira Reis a realizar a reforma do palácio do governo e o projeto da Assembleia Legislativa do Estado. Apesar dos projetos requisitados não terem sido realizados, o arquiteto recebeu outras propostas no período em que permaneceu na cidade, o que o levou a se mudar para Manaus em 1966. A partir de então, Severiano Porto inicia sua trajetória de contribuição na arquitetura da Amazônia, mantendo também o escritório do Rio de Janeiro com o sócio Mário Emílio Ribeiro.

Uma de suas produções arquitetônicas para a região é a Pousada dos Guanavenas, localizada na ilha de Silves, à duzentos e doze quilômetros de Manaus. O proprietário do empreendimento, Aristides Queiroz de Oliveira Neto, conta em uma entrevista realizada pelos autores que a escolha de Silves para a locação do hotel se deu por uma soma de fatores de oportunidade e aconselhamento.

Segundo ele, a ideia de um hotel de selva surgiu de conversas com um amigo, também aviador, que possuía uma pousada no Canadá, para onde levava pescadores no verão e esquiadores no inverno. Ao se deparar com o cenário da Amazônia, o amigo sugeriu que seria um ótimo lugar para um hotel de turismo de pesca, portanto antes de se chamar “Guanavenas” o estabelecimento se denominava Pousada de caça e pesca do Amazonas. O intuito era aproveitar a temática, que até então não era usada na Amazônia, pois ainda não se falava em ecologia na época. Ademais, desfrutava-se da oportunidade trazida pela Zona Franca de Manaus, que abria portas e proporcionava destaque para a região, alavancando o ecoturismo. Dado isso, Aristides Queiroz entrou em contato com o arquiteto Severiano Mário Porto, apresentado por um amigo em comum, o dr. Agobar Garcia. Este havia nascido em Silves, e assim influenciou o proprietário a construir o hotel no município.

Os primeiros estudos de projeto (1966/67) foram na verdade pensados para Altazes, também no Amazonas, sofrendo apenas pequenas modificações ao serem utilizados para

Silves, onde de fato o hotel foi construído, com projeto definitivo de 1979, realizado em parceria com o arquiteto Mario Emílio Ribeiro e com a colaboração de Luis Cesar Monken e Dulce Daou.

A pousada foi concluída no ano de 1983, com mão de obra local e acompanhamento do arquiteto, que projetou e executou a obra. As visitas periódicas para orientar e impedir dúvidas de construção ocorreram em maior frequência na fase inicial da obra, e a diminuição das visitas, ao final do processo, provocou pequenas alterações, mas que não comprometeram a ideia concebida por Severiano Mário Porto. O local mudou o nome para Pousada dos Guanavenas por volta dos anos 90, segundo Aristides Queiroz, e atendia principalmente hóspedes estrangeiros.

O projeto ganhou relevância na carreira do arquiteto por ter proporcionado reconhecimento dos clientes e frequentadores do hotel e também reconhecimento profissional, com o prêmio do IAB/RJ em 1982, na categoria de obra construída, e o “Premio Universidad de Buenos Aires” na Bienal de Arquitetura de Buenos Aires em 1985. Além disso, o edifício foi tombado pelo Estado do Amazonas em 18 de fevereiro de 2016. No parecer do júri da XXV Premiação Anual do IAB-RJ foi dito: “O júri se sente gratificado diante deste trabalho. É raro o prazer de admirar uma arquitetura tão bem realizada, com tal integração material / linguagem / criatividade / resultados. Parabéns aos arquitetos. O júri chama a atenção para o didatismo das fotografias da fase de construção, onde se vê o domínio dos arquitetos sobre o material, e uma linguagem coerente com a Amazônia e desvinculada de estereótipos”

### **Descrição da arquitetura do hotel**

A implantação da Pousada dos Guanavenas se deu em um terreno de aproximadamente novecentos e oito mil metros quadrados, na Ilha de Silves, cujo acesso pode se dar por táxi aéreo, que leva em média cinquenta e cinco minutos, por motor regional, com vinte horas de viagem, ou por estrada, seguida de motor através do Lago Canaçari, levando até quatro horas para chegar ao destino.

O aspecto topográfico do terreno não é tão acentuado, com característica praticamente plana em boa parte dos pontos, principalmente na região mais ao norte do lote. O corte do solo torna-se mais inclinado apenas na proximidade da encosta com as águas, enquanto no

local onde as construções principais do hotel foram levantadas a inclinação se mostra consideravelmente mais suave.

Com uma área construída de mil e duzentos metros quadrados, o local contempla, além do prédio principal de pousada, um salão de jogos e bar à leste, em frente à piscina, constituindo uma área para lazer dos hóspedes. Mais à leste localizam-se também a residência do chefe do setor e garagens de carros e barcos, por conta da proximidade aos acessos por terra e água. Cabanas dispõem-se à oeste, e nesta mesma direção encontra-se a torre do mirante, com vista para o Lago Canaçari. Há também áreas dedicadas à horticultura, granja e cultivo de árvores frutíferas regionais no sentido norte do terreno, além de quadra de tênis e, mais ao alto, uma pista de pouso.

A edificação do hotel é traçada em formato circular, com pilares em madeira marcando o setor térreo e a parte superior sinalada por varandas que avançam a forma cilíndrica. A cobertura, por sua vez, completa a figura, com um caimento de cantos arredondados, que se assemelha a coberturas de construções indígenas.

O hotel em planta é constituído por três círculos: o primeiro, e maior, é o mais abrangente, que delimita o perímetro da edificação. No interior deste, dois círculos mostram-se inscritos, com o objetivo de conectar e delimitar os espaços internos. Um deles abriga o vão da escada, com cinco metros e vinte centímetros de raio, circunscrito à circunferência maior, cujo raio é de dezesseis metros e oitenta e um centímetros. Em intersecção ao vão que conecta o térreo ao segundo pavimento, há uma abertura para o jardim interno, de vedação translúcida com esquadrias de madeira, que pode ser vista por detrás da escada. A cobertura em cavaco avança até o espaço para jardim, onde cai em uma segunda água e forma o terceiro círculo, vazado, com raio de dois metros e oitenta e oito centímetros, localizado um pouco abaixo do centro da circunferência maior, em visão plana.

Em relação aos materiais e revestimentos usados no hotel, a maior parte é feita de madeira, incluindo a estrutura, que é composta de troncos, roletes e madeira lavrada, porém as paredes são em alvenaria, de cor branca. Os poucos elementos em concreto são os pisos dos banheiros e forro da cozinha, que são apoiados em entalhes feitos nas colunas de madeira. Nas áreas comuns o piso é cimentado, de cerâmica nos banheiros e cozinha, e de madeira nos alojamentos dos visitantes, com encaixe macho e fêmea. As esquadrias são predominantemente de madeira, com os vãos telados. Conforme informado pelo proprietário

Aristides Queiroz, em entrevista, as madeiras utilizadas eram as encontradas na região, especialmente o cedro, que veio de Tabatinga em peças.

A estrutura de vigas segue uma composição radial, partindo da borda do círculo maior até o limite externo dos círculos interiores. A porção de vigas na área dos alojamentos segue até o átrio da escada, enquanto as localizadas na parte detrás do hotel avançam somente até o limite da abertura do jardim interno. Cada pilar sustenta dois roletes de madeira, com uma viga em cada face da coluna, dando mais estabilidade à estrutura. São no total vinte e dois conjuntos de pilar acompanhado de duas vigas que compõem o modelo estrutural conforme o sentido da circunferência, sendo treze deles referentes à sustentação dos dormitórios, onde as vigas se dão na projeção das paredes que dividem um ambiente de seu vizinho.

Tendo sido inicialmente projetada para oferecer dez quartos, a pousada ao ser construída continha uma configuração de quatorze quartos, dispostos no pavimento superior, enquanto o térreo é reservado para os setores social e de serviço. O hotel tem como entrada um salão em planta livre, com pilares de madeira marcando o ambiente. O salão constitui um recinto de estar, com mobiliário para repouso e convivência. O bar é posicionado no lado direito, sob a perspectiva de quem entra no espaço, enquanto a cozinha e o restaurante se encontram no lado esquerdo do conjunto. Áreas de serviço localizam-se no extremo oposto ao salão, voltadas para a parte de trás do terreno, enquanto a área social tem conexão com o acesso principal e com o espaço de lazer e jogos, com piscina.

A partir do ambiente de convivência no térreo, pode-se acessar a escada principal, que dá as costas para a entrada e posiciona-se de frente para o jardim interno, que se revela pelo aspecto vazado da estrutura da escada. As acomodações, no pavimento superior, estão dispostas em conformidade com a rotação do arco, direcionadas para o átrio interno da escada e para o espaço externo ao hotel. Pode-se dizer que a circulação entre os quartos é feita por meio de uma varanda interna, que se volta para o átrio, com proteção de um guarda-corpo em madeira, e que leva para a escada. Além disso, cada dormitório possui banheiro próprio e uma varanda particular, que se abre para o perímetro externo e envolve até metade da largura do quarto.

As esquadrias dos quartos, de início, foram pensadas com venezianas reguláveis e telas, porém devido às exigências da faixa de turistas a serem atendidos e às imposições dos padrões internacionais de hotelaria, o edifício recebeu uma climatização artificial não

prevista, sendo originalmente adotadas resoluções bioclimáticas, o que motivou alterações nas janelas.

As varandas dos dormitórios possuem revestimento em madeira, e são sustentadas por pilares que descem até o solo, na parte de fora da edificação. Assim, elas avançam o limite da circunferência mais abrangente da edificação em planta, criando volumes em adição à forma unitária. Assim como as varandas, o revestimento do piso dos quartos é feito em assoalho de madeira, sendo cada um deles com uma média de vinte e oito pranchas de madeira no lado direito do ambiente, sob a perspectiva de quem entra, e dezessete pranchas no lado esquerdo, onde se encontra o banheiro.

Portanto, percebe-se, em um panorama geral, que o formato circular rege totalmente as disposições internas, além do aspecto formal, tomado também pela presença da madeira como material predominante.

### **Análise da arquitetura do hotel**

Apesar da construção ter sido concluída no ano de 1983, o lançamento do hotel dos Guanavenas e sua abertura para o público se deu em 1984. Uma hipótese para a diferença entre as duas datas seria a necessidade de pequenas alterações na obra, que se mostraram indispensáveis para atender as exigências do nível de hóspedes que viriam a frequentar o estabelecimento.

Uma indicação de que algumas dessas adaptações teriam sido feitas já antes da inauguração do prédio é um fragmento do Jornal do Commercio, do Amazonas, na data de 3 de maio de 1984. No periódico há uma nota sobre o lançamento do hotel dos Guanavenas, onde se lê que a pousada estava aberta para o público já com os sistemas de ar-condicionado incluídos, o que não estava mencionado no projeto de Severiano Mário Porto. Portanto, assim como houve modificações posteriores à inauguração, especialmente relativas à expansão do hotel, também existem adaptações que se deram no momento de finalização da construção.

Abaixo encontra-se a página do periódico de onde o texto sobre o hotel foi retirado, com as marcações da data e localização da nota na página. Nela pode-se ver que o hotel contava também com quatorze apartamentos com banheiro privativo, varanda coberta, restaurante,

piscina, salão de jogos e oferecia inclusive passeios turísticos pela região, reforçando o motivo do ecoturismo.

Sobre o projeto inaugural e expansões, Aristires Queiroz diz em entrevista: “O projeto era você ter essa nave mãe, onde você tinha toda uma infraestrutura, em cima nós tínhamos os apartamentos e embaixo nós tínhamos restaurante, cozinha, depósito, gerência, sala de estar, enfim, tinha tudo. Então 14 quartos, 14 era muito pouco pra você manter o equilíbrio financeiro, então nós fizemos outras naves menores em volta, como se fosse uma maloca de índio, assim com as ‘casas’ menores e tem a principal, e assim foi feito. Logo que eu terminei, eu comecei a implantar exatamente isso, fui fazendo e fui fazendo ao longo do tempo e fui aumentando, e chegou a ter setenta e quatro apartamentos.” (QUEIROZ, 2017).



Figura 1: Fragmento do periódico Jornal do Comercio sobre hotel em Silves. Fonte: Acervo da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Como já dito anteriormente, a implantação do terreno possui um total de 1200 metros quadrados construídos, demarcados na imagem abaixo, que constituem 0,13 % da área total do terreno. As ocupações são predominantes na parte mais baixa do lote, dispostas de

forma relativamente espaçada ao longo da margem. Em relação a orientação solar, o hotel está à sul do lote, favorecendo-se dos ventos provenientes oferecidos pela proximidade das águas do Lago Canaçari. Outras atividades localizadas mais à norte, como a pista de pouso e setores de serviço e administração, são as que exigem um maior contato com a cidade e com seus recursos.

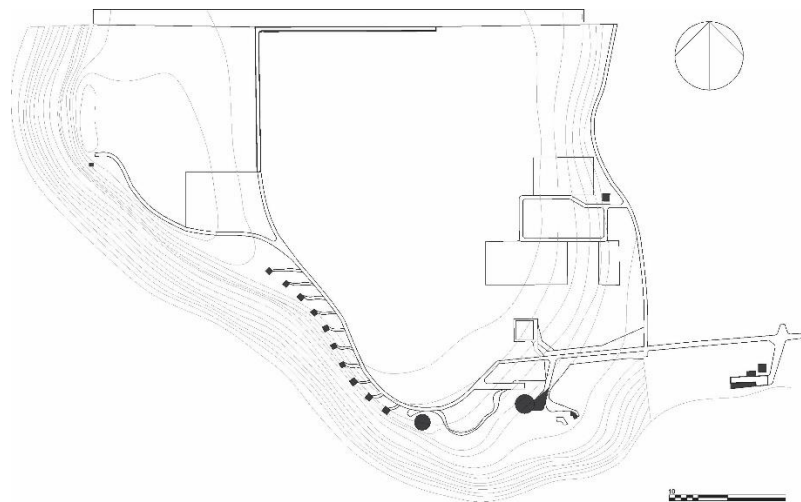


Figura 2: Cheios e vazios em implantação. Fonte: acervo pessoal.

Considerando caminhos e construções, a área impermeável do terreno é de aproximadamente sessenta mil metros quadrados, equivalente a 6,5% da área total do lote. Isso representa que mais de noventa por cento do terreno é constituído de área permeável, portanto manteve-se boa parte da massa vegetal nativa, incluindo-se algumas espécies como jameiros, pupunheiras e tucumãzeiros para usufruto do hotel e de suas atividades. Tal configuração foi provavelmente mantida também por conta da proposta do hotel de proporcionar um turismo de selva, dessa forma o ideal é que o hóspede entre em contato com a natureza e se sinta imerso e isolado pelo cinturão de verde e água.



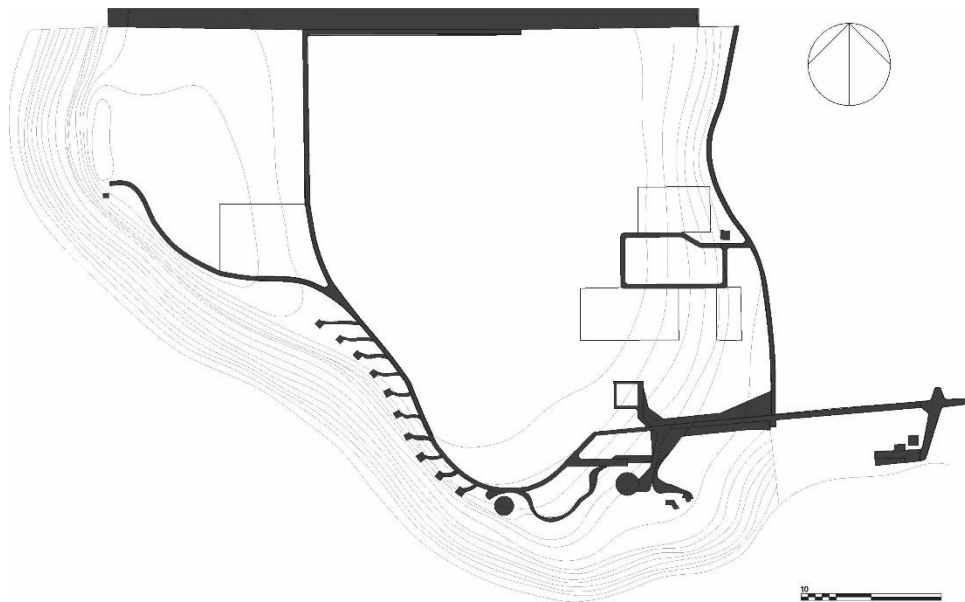


Figura 3: Implantação e área impermeável. Fonte: acervo pessoal.

O princípio geométrico do projeto é norteado pela forma circular, que marca seu aspecto externo e reflete-se na disposição dos ambientes internos. Em planta, como demonstrado nos diagramas a seguir, percebe-se que alguns círculos são fundamentais para a produção de fluxos e formatos do hotel. O primeiro de todos é o mais externo, que denota o limite da construção em sua projeção da cobertura e das varandas particulares. O segundo círculo delimita a vedação mais externa da pousada, e é por onde se faz a entrada. O terceiro e quarto círculos se interseccionam e se comunicam formalmente; enquanto um promove a circulação vertical, o outro define um jardim interno, marcado por uma circunferência de pilares de madeira, com seus vãos preenchidos de vidro a fim de criar a conexão de visão para o jardim. Por fim, o último denota a projeção da cobertura de cavaco, no momento em que ela cai em uma segunda água e permite a abertura para o jardim.

A disposição da cobertura circular com uma abertura central lembra o aspecto de ocas yanomamis, construções indígenas da região que possivelmente inspiraram o autor do projeto na concepção formal do projeto. Tal hipótese se mostra possível devido à habilidade conhecida do arquiteto em estudar formas típicas de se construir em determinada região, buscando as heranças culturais para entender o que funciona melhor para o local, especialmente do ponto de vista de conforto ambiental e em recursos de materiais.

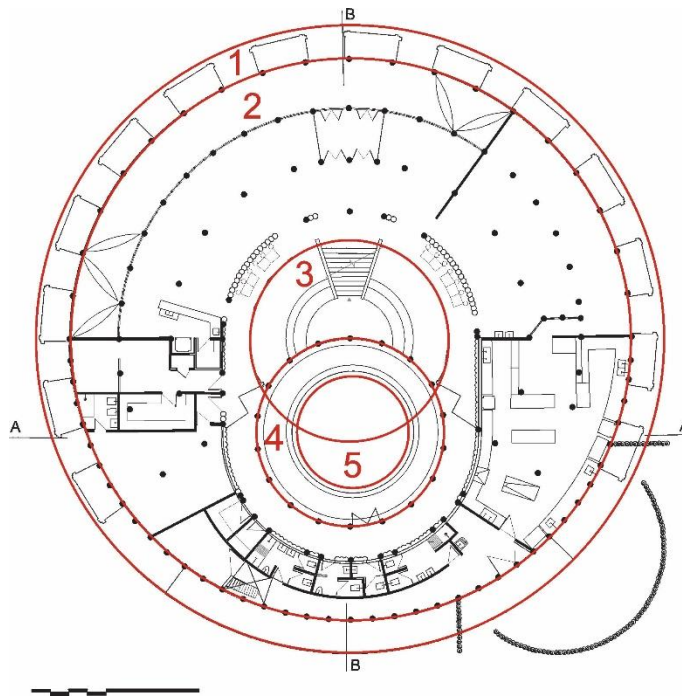


Figura 4: Princípios geométricos em planta baixa – térreo da nave principal. Fonte: acervo pessoal.

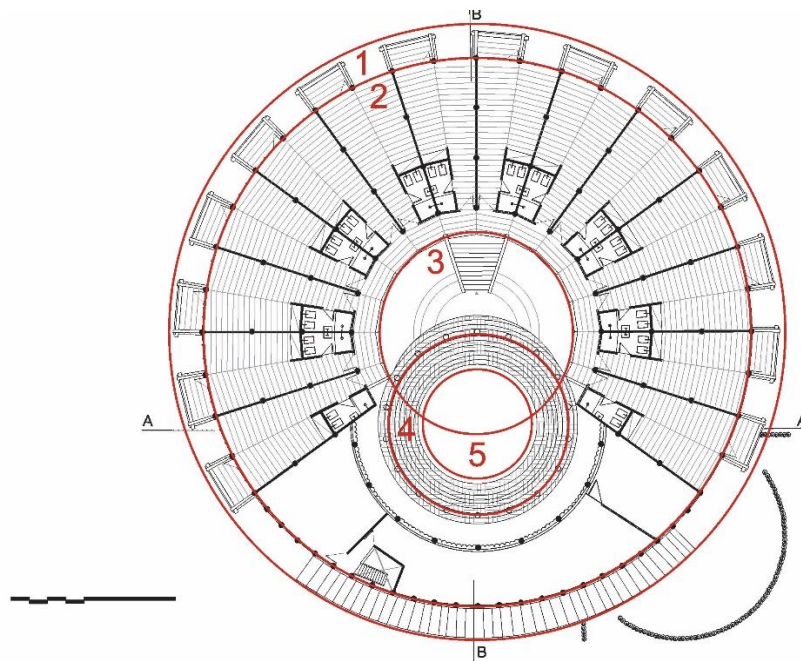


Figura 5: Princípios geométricos em planta baixa – pavimento superior da nave principal. Fonte: acervo pessoal.



cidade, e o setor de serviço é novamente voltado para o sudoeste do terreno (em azul no desenho). Em amarelo está o setor de circulação vertical e átrios no geral.

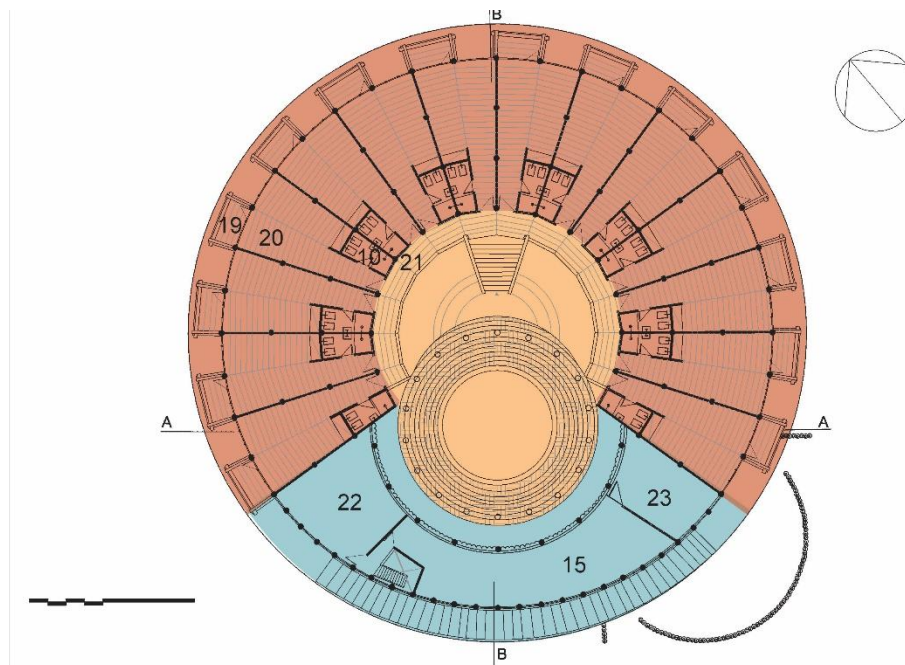


Figura 7: Setorização da planta baixa superior da nave principal. Fonte: acervo pessoal.  
Legenda: 19 – varanda, 20 – quarto, 21 – circulação, 22 – alojamento de funcionários, 23 – caixa d’água.

O modelo estrutural utilizado por Severiano Mário Porto na concepção do projeto é evidenciado no corte e na fachada abaixo. Neles, percebe-se a predominância de pilares no pavimento térreo e a forma de sustentação da cobertura em suas bordas externa e interna, que se dá por meio de peças de madeira conectadas aos pilares em um ângulo de 45°.

No caso da abertura interna, por exemplo, para onde a cobertura possui um caimento, é visível que os pilares que delimitam a circunferência do jardim interno são justamente os que fazem o papel de sustentação dessa parte da cobertura, em conjunto com a peça de madeira. Essa mesma configuração se repete em outros momentos do projeto, como na sustentação da cobertura no átrio da escada, onde as peças se apoiam nas paredes de alvenaria dos quartos.

Em relação à cobertura, algumas modificações foram feitas ao longo do tempo. Originalmente, o material usado era cavaco, porém ele trazia problemas em relação a manutenção, por estar exposto ao clima amazônico que oscila entre chuva e sol intensos, além de ter sido um hospedeiro de insetos e cupins, segundo Aristides Queiroz. Portanto,

como a conservação da cobertura da forma como havia sido pensada apresentava dificuldades, foi decidido fazer a troca para telhas de plástico. Usou-se telhas verdes, de característica leve, porém elas vieram com erro de fabricação e entre dez a doze anos começaram a se desfazer. A quantidade de calor armazenada era grande e a frequência de chuvas também, o que levou a um rápido desgaste, e a fábrica produtora das telhas, que era em Manaus, não produziu mais do modelo por conta dos problemas encontrados.

Diante disso, a decisão foi fazer novamente a troca das telhas, usando um modelo de cor branco, do tipo *brasilit*. Apesar da desconfiguração no aspecto do hotel, a mudança proporcionou um alívio na carga da cobertura suportada pela estrutura, já que o novo telhado era consideravelmente mais leve. Isso se mostrou relevante especialmente porque a estrutura de madeira estava também danificada com o tempo, e já não carregava tão bem o peso do prédio, que afundava. Tal processo se deu por conta do padrão usado na estrutura, cujo tratamento de fundação era com o pilar de madeira diretamente no solo, com a aplicação de produtos químicos para proteger dos fungos e uma camada de concreto em volta para fixá-lo.

Aristides Queiroz explica que a reação da madeira com o concreto e a umidade acaba danificando os pilares, e enfraquecendo a estrutura: “Depois a gente foi descobrir com o tempo que o concreto em volta da madeira provoca uma reação química que aquece e apodrece a madeira, ela vai se desfazendo.” (QUEIROZ, 2017).

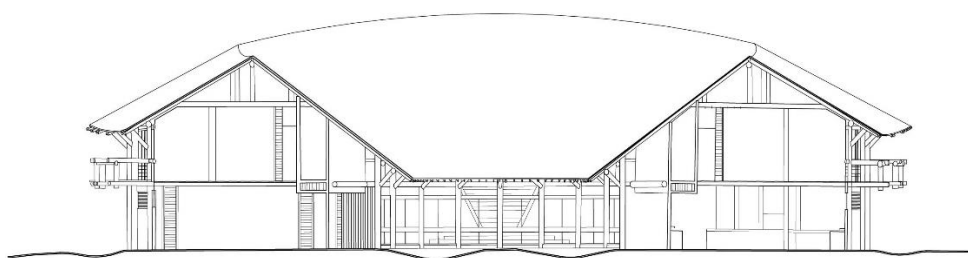


Figura 8: Corte A da nave principal. Fonte: acervo pessoal.

A solução encontrada para o problema foi reforçar a estrutura original, sem removê-la, incluindo pilares metálicos, tingidos de verde, pela parte externa. “Como foi apodrecendo as madeiras, eu fiz outra estrutura metálica por fora, e meti outra cobertura mais leve, e tirei não sei quantas toneladas de cima do corpo do prédio ,que tava achatando, à medida que ia apodrecendo a madeira, ia abaixando.” (QUEIROZ, 2017).

Outra questão estrutural visível, como citado anteriormente, é a relação entre pilares e vigas, de forma que cada pilar sustente de cada lado uma viga. Assim, ao longo do projeto o conjunto de pilar e suas vigas, sendo uma em cada face, se mostra constante, como se percebe na imagem a seguir.



Figura 9: Fachada nordeste da nave principal. Fonte: acervo pessoal.

Portanto, a produção de Severiano Mário Porto em Silves contribuiu, com seus erros e acertos, para o entendimento do trabalho com a madeira e sua relação com a estrutura, seus detalhamentos e especificidades. Isso se deve ao fato de o arquiteto ter sido o pioneiro nessa questão no Amazonas, logo, mesmo que alguns problemas surgissem com o tempo, especialmente ligados à manutenção, tal circunstância serviu como aprendizado para que as próximas gerações saibam como lidar com esses elementos em um projeto e possam aproveitar tudo de melhor que a arquitetura de Severiano M. Porto transmite. O legado deixado, então, é que a arquitetura deve ser pensada não só em seu aspecto formal, mas na combinação dos fatores culturais, climáticos e estruturais que compõem uma obra, como percebido na Pousada dos Guanavenas, e em tantos outros projetos realizados pelo arquiteto.





Figura 10: Fachada da nave principal do Hotel dos Guanavenas. Fonte: Acervo Severiano Mário Porto.

## Referências Bibliográficas

ABRAHIM, Roger. **Poesia na Floresta**: a obra de Severiano Porto no Amazonas. 22. ed. Manaus: Reggo, 2014. 112 p.

SALGADO, Roberta Camila. **Manaus 1965**: da floresta e das águas. Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado da Cultura, 2009.

FRAMPTON, Kennedy. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil**: 1900-1990. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

ROVO, Mirian Keiko Ito; OLIVEIRA, Beatriz Santos. **Por um regionalismo eco-eficiente**: a obra de Severiano Mário Porto no Amazonas. 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.047/594>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

A. Queiroz: **entrevista**. [jan. 2017]. Entrevistadora: Bruna Lopes.

COMMERCIO, Jornal do (Comp.). **Lançamento do hotel dos Guanavenas no município de Silves**. 1984. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

HESPANHA, Sérgio Augusto Menezes. **Severiano Porto**: Entre o regional e o moderno. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.105/76>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

